



História Hermenêutica de Daniel 8:14: Estudo Interpretativo dos Séculos II ao XIX

Flávio Pereira da Silva Filho e
Renato Stencel

UNASP

ESM



História Hermenêutica de Daniel 8:14: Estudo Interpretativo dos Séculos II ao XIX

Flávio Pereira da Silva Filho¹

Renato Stencel²

Resumo: O estudo realiza uma investigação histórica e hermenêutica de Daniel 8:14, versículo fundamental da escatologia adventista, examinando sua interpretação entre os séculos II e XIX. Analisa o desenvolvimento do conceito das “duas mil e trezentas tardes e manhãs” desde a exegese judaica inicial e o pensamento cristão patrístico até a teologia medieval, reformista e milenarista. Busca compreender como fatores teológicos, filosóficos e sociais influenciaram a ressignificação progressiva do texto, culminando na formulação da doutrina adventista do juízo investigativo. A metodologia, de caráter documental e comparativo, investiga fontes primárias e secundárias judaicas, cristãs e adventistas, evidenciando a evolução hermenêutica e o processo histórico que consolidaram a leitura profética de Daniel 8:14 como um marco interpretativo central da teologia adventista do século XIX.

Palavras-chave: Daniel 8:14; escatologia adventista; interpretação histórica; hermenêutica bíblica; princípio dia-ano.

Abstract: The study conducts a historical and hermeneutical investigation of Daniel 8:14, a foundational verse in Adventist eschatology, examining its interpretation from the 2nd to the 19th century. It analyzes the development of the concept of “two thousand and three hundred evenings and mornings,” from early Jewish exegesis and patristic Christian thought to medieval, Reformation, and millenarian theology. The research seeks to understand how theological, philosophical, and social factors influenced the progressive reinterpretation of the text, culminating in the formulation of the Adventist doctrine of the investigative judgment. The methodology, documentary and comparative in nature, investigates primary and secondary Jewish, Christian, and Adventist sources, highlighting the hermeneutical evolution and historical process that established Daniel 8:14 as a central interpretative landmark in 19th-century Adventist theology.

Keywords: Daniel 8:14; Adventist eschatology; historical interpretation; biblical hermeneutics; day-year principle.

.....
¹ Pós-graduado em Teologia Bíblica pelo UNASP. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFMA-MA e em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: hebraico.usp@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Diretor administrativo do Centro de Pesquisas "Ellen G. White", UNASP, Engenheiro Coelho, SP. E-mail: renato.stencel@unasp.edu.br

1. Introdução

A história da interpretação bíblica revela a maneira como textos específicos moldaram não apenas sistemas teológicos, mas também movimentos religiosos e sociais ao longo do tempo. Daniel 8:14, com sua referência às "duas mil e trezentas tardes e manhãs", é um desses textos paradigmáticos cuja relevância é projetada a partir do domínio exegético, influenciando interpretações teológicas e práticas religiosas.

Desde os primeiros séculos do cristianismo, esse versículo tem sido examinado sob diversas perspectivas, culminando em um clímax hermenêutico em 22 de outubro de 1844, data fulcral para o movimento adventista. Inicialmente enraizada no judaísmo, a análise de Daniel 8:14 atravessou múltiplas tradições cristãs, ganhando novos contornos com os debates patrísticos, os estudos medievais e o fenômeno da Revolução Francesa. No contexto contemporâneo, esse versículo foi fundamental para o surgimento do fervor milenarista do século 19, servindo como alicerce para a formulação doutrinária que caracterizou o movimento adventista.

Esta investigação emprega uma base metodológica alicerçada em um exame documental e cronológico. A estratégia abrange o contraste e a constância dos matizes interpretativos de Daniel 8:14 ao longo da história. O propósito desse estudo é mapear o desenvolvimento hermenêutico do texto, desdobrando as transições teóricas que culminaram na perspectiva adventista, com o objetivo de compreender o processo interpretativo do versículo, que se tornou um pilar doutrinário de um movimento religioso global.

2. O Cânon de Ptolomeu

O Cânon de Ptolomeu, datado do século 2 d.C., estabelecido com base em observações de eclipses dos períodos babilônico, persa, grego e romano, representa uma fonte astronômica determinante no contexto do estudo profético. No *Almagesto*, título da obra que contém o Cânon, Ptolomeu registra 19 eclipses lunares, especificando suas datas em termos de ano, mês, dia e hora, com referência aos anos de reinado de diferentes monarcas.¹ Assim como as evidências fornecidas pelas moedas e medalhas ao longo da história, que servem como elementos auxiliares no campo da numismática, o Cânon tem sido progressivamente empregado ao longo dos últimos séculos para determinar com precisão a data inicial das setenta semanas proféticas, de Daniel 9:24-27, e, igualmente,

dos 2.300 anos, de Daniel 8:14 ([Froom, 1950, p. 240](#); [Oliveira; Velten, 2018](#); [Ptolemaei, 1515, p. 69](#)).

3. Interpretações Patrísticas

3.1 Clemente de Alexandria (c. 150 – c. 215)

Clemente de Alexandria afirma que os “dois mil e trezentos dias se tornam seis anos e quatro meses” (βτ' ἡμέραι, γίνονται ἔτη ζ', μῆνες δ'), durante a metade dos quais Nero dominou, por meia semana; e, na outra metade, Vespasiano, Otho, Galba e Vitélio, reinaram ([Alexandrinus, 1857, p. 889, 890](#); [Roberts; Coxe, 1885, p. 334](#)). Essa interpretação, feita por um dos pais da Igreja do século 2, apresenta a profecia com dias literais projetada para os reis romanos. Essa é uma das primeiras tentativas de interpretação de Daniel 8:14 dentro da literatura cristã.

3.2 Sexto Júlio Africano (c. 160 – c. 240)

Júlio Africano sugere que os 2.300 dias podem ser computados por meses, totalizando cerca de 185 anos, que se estendem desde a captura de Jerusalém até o vigésimo ano do reinado de Artaxerxes. Segundo o autor: "descobrimos que esses anos indicados são 2300 meses hebraicos" (ρησ' ἐνιαυτοὺς μῆνας εὕρισκομεν, βτ' Ἑβραϊκοὺς) ([Africanus, 1857, p. 91, 92](#); [Froom, 1950, p. 281](#)).ⁱⁱ

3.3 Policrônio (V séc. d. C.)

Policrônio contabiliza as 2.300 tardes e manhãs como 1.150 dias inteiros. Ele associa o período à perseguição de Antíoco aos judeus e à mudança de suas leis, tentando correlacionar o período de 2.300 "tardes e manhãs" a 1.150 dias, dividindo o número total de sacrifícios matinais e vespertinos). Ele também vincula esse cálculo ao período de "três anos e seis meses" (ἔτη τρία καὶ μῆνας ἕξ), ou "tempo, tempos e metade de um tempo" ([Froom, 1950, p. 431](#); [Polychronius, 1825, p. 14](#)).ⁱⁱⁱ Policrônio inclui no elenco hermenêutico dos próximos séculos um personagem que, ao longo de 1.000 anos, seria protagonista de várias interpretações de Daniel 8:14: Antíoco Epifânio, o rei selêucida.^{iv}

3.4 A Interpretação de Tomás de Aquino (1225-1274)

Tomás de Aquino identifica Antíoco como o chifre pequeno de Daniel 8:9, saindo da divisão selêucida do império de Alexandre. Os 2.300 dias são interpretados como o período da devastação causada por ele em Jerusalém. Assim, quase 700 anos depois de Policrônio, Antíoco Epifânio é associado ao cumprimento das 2300 tardes e manhãs.

De acordo com Tomás de Aquino, a desolação efetuada por Antíoco duraria dias e noites “por dois mil e trezentos dias, que são seis anos e três meses” (*per duo millia, & trecentos dies qui sunt anni sex & tres menses*) ([Aquinatis, 1641, p. 34](#); [Froom, 1950, p. 657](#)).

4. Daniel 8:14 no Contexto Judaico

No início do século 9, vários rabinos judeus começaram a estender o princípio dia-ano para outros períodos proféticos no livro de Daniel. Isso incluía as 2.300 “tardes e manhãs” de Daniel 8:14, assim como os 1.290 dias e 1.335 dias de Daniel 12:11-12, todos os quais eram vistos como tendo implicações messiânicas.

O primeiro desses rabinos, Benjamin ben Moses Nahawendi, que viveu entre os séculos 8 e 9, considerou as 2.300 “tardes e manhãs” de Daniel 8:14 como anos, contando-as a partir da destruição de Siló (que ele datou em 942 a.C.) até o ano 1358 d.C. Naquele ano, ele esperava que o Messias viesse ([Jonsson, 2004, p. 25](#)). Embora os judeus claramente percebessem o sólido princípio interpretativo do dia-ano na profecia de tempo, eles não utilizaram a chave hermenêutica dos cristãos.^v

5. Transições Hermenêuticas no Período Medieval

5.1 Joaquim de Fiore (c. 1135 –1202)

Joaquim de Fiore é uma figura de suma importância e um ponto de inflexão na interpretação de Daniel 8:14. Não há menção direta das 2.300 tardes e manhãs na pesquisa do autor, mas Fiore lidou com os 1.260 dias de Apocalipse 12:6, que, implicitamente, também está em Daniel 7:25, 12:7 e Apocalipse 12:14 e 13:5, como “tempo, tempos e metade de um tempo” e “quarenta e dois meses”.

A partir de Joaquim de Fiore, a interpretação de Daniel 8:14 iniciou sua convergência com a perspectiva adventista contemporânea, e houve um avanço histórico na interpretação profética. Joaquim, pela primeira vez, aplicou o princípio do dia-ano à profecia

dos 1.260 dias. Ele asseverava que a mulher vestida de Sol significava a Igreja, e que essa permaneceu escondida no deserto, longe da face da serpente, e que “um dia sem dúvida é aceito como um ano e mil duzentos e sessenta dias como o mesmo número de anos” (*accepto haud dubium die pro anno et mille ducentis sexaginta diebus pro totidem annis*) ([Froom, 1950, p. 700; Joachimus, 1527, p. 12](#)).

5.2 Semine Scripturarum (c. 1205)

Um monge anônimo de Bamberg, Alemanha, produziu no início do século 13 um manuscrito chamado *Semine Scripturarum* (c. 1205). A obra foi atribuída falsamente a Joaquim de Fiore (daí o termo pseudo-joaquimita). O documento é importante porque foi o primeiro tratado cristão conhecido a explicar os 2.300 dias de Daniel como 23 séculos. O *Anonymus Bambergensis*, como também é conhecido o manuscrito, apresenta um método alegórico de interpretação, comparando cada letra do alfabeto latino a 100 anos (23 letras correspondendo a 2.300 anos). Embora o cálculo estivesse correto, o método é controverso para o padrão hermenêutico historicista. Em resumo, o documento apresenta uma chave numérica, onde cada letra do alfabeto corresponde a um século ([Espelt, 2005, p. 154, 155; Froom, 1950, p. 718, 719; Joachim, 2025; Kaup, 2021, p. 221-225; Zapf, 2012, p. 197, 198](#)).^{vi}

5.3 Arnaldo de Vilanova (1240 – 1311)

Arnaldo de Vila Nova, um médico e alquimista espanhol (ou francês, segundo algumas fontes), utilizou o documento *Semine Scripturarum* e estabeleceu o princípio de "dia-ano" como regra básica para os 2300 dias de Daniel. Ele conectou o princípio de Joaquim de Fiore à interpretação dos 2300 anos.

Sob essa perspectiva, segue a cronologia da evolução interpretativa do texto:

1. Joaquim de Fiore introduziu o princípio de "dia-ano" na cosmovisão hermenêutica profético-cristã;
2. O monge anônimo de Bamberg aplicou esse princípio aos 2.300 dias, interpretando-os como anos;
3. Vila Nova consolidou essa interpretação ao unir as informações e aplicá-las de forma objetiva ao texto bíblico de Daniel 8:14.

Em resumo, Villanova fez uma aplicação mais específica do princípio do dia-ano que havia sido enfatizado para os 1.260 dias de anos por Joaquim de Fiore um século antes, e foi estendido sob uma hermenêutica controversa para os 2.300 dias no pseudônimo *Semine Scripturarum*.

Villanova estabeleceu a equação dia-ano como regra básica para os 2.300 dias. Este foi um avanço notável na interpretação de Daniel 8:14. Conforme o autor, “deve-se dizer que por dias ele [Daniel] quer dizer anos” (*dicendum quod per dies intelligit annos*) ([Benton, 1982, p. 245](#); [Espelt, 2005](#); [Froom, 1950, p. 743](#); [Villanova, 2025](#)).

5.4 Nicolau de Cusa (1401 – 1464)

Nicolau de Cusa, um cardeal católico romano nascido no século 15, chegou próximo da data de 1844 como término do período dos 2.300 dias. Cusa, sob o princípio dia-ano, estabeleceu o intervalo de 559 a.C. até 1700, com flexibilidade de 50 anos (559 a.C. até 1750) (*post annum Christi 1700 et ante 1750*), para o cumprimento de Daniel 8:14. Esse estudo, apresentado em um sermão em 1440, deu uma data mais definida para o período de 2.300 dias ([Cusa, 1565, p. 933](#); [Froom, 1946a, p. 125](#)).

6. A Interpretação de Martinho Lutero (1483-1546)

Para Lutero, a duração do conflito de Daniel 8:14 foi de 2.300 dias literais, ou cerca de seis anos e três meses. Ele afirmou: “É por isso que todos os professores do passado viram um símbolo do Anticristo neste Antíoco, e certamente encontraram a verdade”. Sob o sentido de Antíoco, a interpretação de Lutero releva a evolução hermenêutica do texto e volta para Policrônio, mil anos antes. Segundo Lutero, “o templo deverá ser purificado após dois mil e trezentos dias, o que equivale a seis anos e um quarto de ano” [três meses] (*der Tempel nach zweitausend und dreihundert Tagen gereinigt werden soll, welche machen sechs Jahr und ein Vierteljahr*)” ([Froom, 1946a, p. 239](#); [Luther, 1892, p. 905](#)).

7. Revolução Francesa

A partir da Revolução Francesa ocorre uma aceleração no estudo hermenêutico de Daniel 8:14. Ela é um elemento catalisador no sentido de expandir o estudo das profecias de Daniel e Apocalipse e multiplicar o número de estudiosos que chegaram a

uma data próxima de 1844. A Revolução Francesa, também conhecida como “a mãe de todas as revoluções”, estabelece o ano de 1798 como um ponto de intersecção entre a profecia e a história. A partir dessa data, muitos estudiosos aplicaram o princípio dia-ano de maneira retroativa e chegaram ao ano 538 através da profecia dos 1.260 dias.

Como resultado direto, um volume considerável de publicações, tanto do lado europeu do Ocidente quanto na América, apontava para os 1260 dias proféticos. Esses documentos foram postos em circulação em vários lugares como uma interpretação padronizada, e houve um relativo consenso de que a profecia de Daniel 12:4, referente ao desselamento do livro, havia se cumprido, marcando a chegada do tempo do fim. Essa é a ponte escatológica para os 2.300 dias de Daniel 8:14 ([Silva Filho, 2019](#); [Froom, 1946a, p. 765-780](#); [Knight, 2010, p. 14](#); [Sandeem, 1970, p. 7](#)).

8. O Fervor Milenarista dos Séculos 18 e 19: cinquenta e oito expositores

Como resultado do fervor milenarista desencadeado pela Revolução, LeRoy Froom documentou cinquenta e oito expositores, em quatro continentes, que, entre 1800 e 1844, previram que a profecia de 2.300 dias proféticos seria cumprida entre 1843 e 1847 ([Froom, 1954, p. 404](#); [Timm, 1995, p. 19, 20](#)):^{vii}

8.1 Manuel Lacunza (1731 – 1801)

Um jesuíta chileno chamado Manuel Lacunza, escreveu, em 1790, o livro *La Venida del Mesías en Gloria y Majestad*. Essa obra tornou-se o elemento desencadeador de várias discussões teológicas no México, Equador, Peru, Chile, Argentina, Uruguai e Espanha, com intervenções das Inquisições Espanhola, Mexicana e Peruana. Como consequência, em 6 de setembro de 1824, o Papa Leão XII adicionou o livro ao *Index Librorum Prohibitorum*, proibindo os católicos romanos de lê-lo. Sob a percepção de Lacunza, referente ao capítulo 2 do livro de Daniel: "Cristo destruirá e consumirá todos os reinos retratados na estátua" ([Froom, 1954, p. 307-314](#); [Lacunza, 1821, p. 29](#); [Vaucher, 1938](#)).

8.2 Edward Irving (1792 – 1834)

O livro de Lacunza não menciona Daniel 8:14, mas uma tradução inglesa do pregador escocês Edward Irving é publicada em 1826, em Londres, com o título *The Coming of Messiah in Glory and Majesty*. A edição em inglês do livro de Lacunza influenciou diretamente os pregadores do advento, que discutiram as suas crenças nas *Conferências de Albury*, na Grã-Bretanha, de 1826 a 1830 ([Vaucher, 1938](#)).

8.3 Guilherme Miller (1782 – 1849)

Em seus primeiros anos de estudo (1816-1818), Guilherme Miller buscava compreender e harmonizar períodos proféticos, como os 2.300 dias, de Daniel 8:14; os 1.290 dias e 1.335 dias, de Daniel 12:11,12; e os 1.260 dias, de Apocalipse 11:3 e 12:6 (cf. Daniel 7:25; Apocalipse 11:2; 12:14; 13:5). Isso levou-o à conclusão de que Cristo poderia vir por volta de 1843 d.C. Guilherme Miller desenvolveu um dos mais precisos cálculos cronológicos de profecia bíblica em sua época ([Timm, 1995, p. 7](#)).^{viii}

8.4 Samuel Snow (1806 – 1890)

A última peça do estudo histórico de dezessete séculos, que convergiu para a data de 22 de outubro de 1844, é Samuel Snow. Com base no calendário dos judeus caraítas, o autor concluiu que o Dia da Expição cairia nesse dia ([Oliveira; Tavares, 2025](#)). Segundo Oliveira e Velten (2018), Snow partiu da ideia de que os caraítas iniciavam o primeiro mês com a lua nova após o equinócio da primavera e, consequentemente, o sétimo mês com a lua nova após o equinócio do outono. Esse método o levou a fixar o décimo dia do sétimo mês em 22 de outubro:

Para a localização do décimo dia do sétimo mês, em 1844, Snow se baseou na noção geral de que os judeus caraítas começavam o primeiro mês com a lua nova que se seguisse ao equinócio da primavera e consequentemente o sétimo mês, com a lua nova que se seguisse ao equinócio do outono. Isso o levou a fixar o décimo dia do sétimo mês em 22 de outubro ([Oliveira; Velten, 2018, p. 90](#)).

9. Conclusão

O estudo da profecia de Daniel 8:14 e sua interpretação ao longo dos séculos estabelecem uma jornada hermenêutica de dezessete séculos. Desde os cálculos astronômicos de Ptolomeu, no século 2, até os estudos pormenorizados de Guilherme Miller e Samuel Snow no século 19, a compreensão do texto bíblico supracitado evoluiu

significativamente. A profecia das “2.300 tardes e manhãs” foi analisada sob diferentes perspectivas, moldada por contextos históricos e avanços metodológicos que conduziram para a identificação da data de 22 de outubro de 1844 como um ponto de inflexão para o “tempo do fim”.

As primeiras interpretações diretas desse período profético foram limitadas pela restrição do conhecimento interpretativo do verso na época (cf. Daniel 12:4). Clemente de Alexandria, no século 2, associou os 2300 dias a um período de seis anos e quatro meses, vinculando-os a eventos do Império Romano. Sexto Júlio Africano, contemporâneo de Clemente, transformou os dias em meses, resultando em um período de 185 anos desde a captura de Jerusalém. Esses cálculos iniciais eram caracterizados por tentativas de correlacionar a profecia a eventos históricos específicos, de acordo com o contexto de cada autor.

Durante a Idade Média, teólogos e estudiosos como Policrônio e Tomás de Aquino, usando métodos interpretativos distintos chegaram a conclusões semelhantes, no que diz respeito à figura do rei selêucida Antíoco Epifânio. Paralelamente, a partir do século 9, rabinos judeus detiveram o conceito hermenêutico basilar, ao aplicarem o princípio dia-ano. Mas as interpretações judaicas, por conterem uma outra visão messiânica, seguiram um caminho distinto, resultando em diferentes aplicações proféticas.

Joaquim de Fiore, no século 12, que formalizou o princípio “dia-ano” para o contexto das profecias apocalípticas, o que se tornaria fundamental para as interpretações posteriores. Mas foi um monge anônimo, no século 13, foi o primeiro a sugerir uma aplicação alegórica dos 2.300 dias como anos, sob o contexto do cristianismo.

Ainda no século 13, Arnaldo de Vila Nova expandiu esse conceito, aplicando diretamente o princípio “dia-ano” à profecia de Daniel 8:14. No século 15, Nicolau de Cusa realizou cálculos que se aproximavam do ano de 1844, fornecendo uma base para as interpretações adventistas do século 19.

A partir do final do século 18, o desenvolvimento da exegese profética progrediu de forma contínua e exponencial. A Revolução Francesa (1789-1798) serviu como catalisadora para o reexame das profecias bíblicas, impulsionando um período de intensa investigação teológica. Nesse contexto, Guilherme Miller emergiu como uma das figuras centrais do Segundo Grande Reavivamento na América do Norte (1790-1830). Entre 1816

e 1818, Miller harmonizou os períodos proféticos, concluindo que os 2300 dias terminariam em 1843. Contudo, foi Samuel Snow quem sincronizou os cálculos e, com base no calendário dos judeus caraitas, identificou o dia 22 de outubro de 1844 como o Dia da Expição.

No desenvolvimento hermenêutico de Daniel 8:14, ao longo de dezessete séculos, foram desenvolvidas técnicas de investigação e métodos sistemáticos para encontrar e seguir padrões. Sob essa perspectiva, a descoberta do princípio dia-ano foi uma das mais importantes conquistas da interpretação profética e marcou o começo real do desselamento do livro de Daniel (cf. Dn 12:4). Essa descoberta demonstrou que conclusões intuitivas baseadas na observação imediata nem sempre devem merecer confiança, pois algumas vezes conduzem a padrões incorretos.

Em resumo, a interpretação de Daniel 8:14, durante os períodos históricos supramencionados permitiu o desenvolvimento de metodologias mais sofisticadas de análise profética. Esse processo contínuo de investigação demonstra a interação entre o conhecimento histórico, a tradição religiosa e o avanço intelectual, revelando, por meio de tentativa e erro, a complexidade e a profundidade da busca humana por significado no tempo e na história. Contudo, além de seu caráter técnico, Daniel 8:14 é uma síntese das aspirações humanas por esperança e redenção.

10. Referências Bibliográficas

AFRICANUS, J. Quæ Supersunt ex Quinque Libris Chronographiæ. In: MIGNE, J.-P. (Ed.). **Patrologiæ cursus completus. Series Graeca**, v. 10. Paris: Petit-Montrouge, 1857.

ALEXANDRINUS, C. Opera Omnia Quæ Exstant, v. 1. In: MIGNE, J.-P. (Ed.). **Patrologiæ cursus completus. Series Graeca**, v. 8. Paris: Petit-Montrouge, 1857.

AQUINATIS, T. Expositio aurea in Danielelem. In: MOREAU, D. (Ed.). **Expositio aurea in Danielelem, Libros Macchabaeorum, Singulas Apostolorum Iacobi, Petri, Ioannis & Iudæ, Canonicas Epistolas, Apocalypsim B. Ioannis Apostoli, Quinque Libros Boetij de Consolatione Philosophiæ & Tractatum eiusdem de Scholarium Disciplina**. Paris: Salamandra, 1641.

BENTON, J. F. The birthplace of Arnau de Vilanova: a case for Villanueva de Jilóca near Daroca. **Viator**, 13, p. 245-247, 1982.

CUSA, N. D. **Opera Ominia**. Basileia: 1565.

ESPELT, J. P. I. L'Autor d'un tractat alquímic podia trobar en l'obra autèntica d'Arnau de Vilanova alguna raó per atribuir-lo a ell? **Arxiu de textos catalans antics**, n. 23/24, p. 151-237, 2005.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 2.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1946a.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 3.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1946b.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 1.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1950.

FROOM, L. R. E. **The prophetic faith of our fathers, v. 4.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1954.

GAFNI, I. ANTIOCHUS. In: SKOLNIK, F. e BERENBAUM, M. (Ed.). **Encyclopedia Judaica, v. 2:** Keter Publishing House, 2007. p. 202-204.

GIBSON, S. Maccabee. In: SKOLNIK, F. e BERENBAUM, M. (Ed.). **Encyclopedia Judaica, v. 2:** Keter Publishing House, 2007. p. 316.

GRECO, B. **Vat. gr. 1209.** Disponível em: <https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.gr.1209>. Acesso em 26 jan. 2025.

JOACHIM, P. **Vatican, Cod. Vat. Lat. 3819, fol. 7r.** Disponível em: <https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3819/20>. Acesso em 26 jan. 2025.

JOACHIMUS, F. C. **Expositio in Apocalypsim.** Bindoni, 1527.

JONSSON, C. O. **The Gentile times reconsidered.** Atlanta: Commentary Press, 2004.

KAUP, M. The Infernal Trinity as Passivized Pacemaker of Salvation History: Satan's Particular Eschatological Activity in Anonymus Bambergensis' Tracts De semine scripturarum and De principe mundi. In: LEHNER, H.-C. (Ed.). **The End(s) of Time(s).** Leiden: Brill, 2021. p. 221-266.

KNIGHT, G. R. **William Miller and the rise of Adventism.** Nampa, Idaho: Pacific Press, 2010.

LACUNZA, M. **Venida del Mesias en gloria y magestad, v. 1.** Puebla: Oficina del Gobierno, 1821.

LUTHER, M. **Dr. Martin Luthers Sämmtliche Schriften, v. 6.** St Louis, MI: Concordia Publishing House, 1892.

MITCHELL, H. H. African American Preaching. In: WILLIMON, W. H. e LISCHER, R. (Ed.). **Concise encyclopedia of preaching.** Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995. p. 2-9.

OLIVEIRA, J. R. D.; VELTEN, H. H. L. **A Astronomia e a Glória do Adventismo: um estudo sobre a precisão do cálculo profético de Daniel 8:14 e 9:24-27.** Vitória, ES: Luz do Mundo, 2018. 608 p.

OLIVEIRA, K. V. F.; TAVARES, C. **Snow, Samuel Sheffield (1806–1890).** Encyclopedia of Seventh-day Adventists, 2025. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9A6O>>. Acesso em 26 jan. 2025.

PEDERSEN, O.; JONES, A. **A Survey of the Almagest**. New York: Springer, 2011. 9780387848259; 0387848258.

POLYCHRONIUS. In **Danielem. Scriptorum Veterum Nova Collectio**, v. 1. Roma: Typis Vaticanis, 1825.

PTOLEMAEI, C. **Almagestum**. Veneza: Petrus Lichtenstein, 1515.

ROBERTS, A.; COXE, A. C. **The Ante-Nicene Fathers, volume 2**. Buffalo: The Christian literature, 1885.

SANDEEN, E. R. **The Roots of fundamentalism: British and American Millerianism 1800-1930**. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

SILVA FILHO, F. P. La Révolution française et la formation de l'adventisme. *Adventiste Magazine*. Alemanha: Département des communications de la FSRT. 21: 14-17, 2019.

SINHA, M. **The slave's cause: a history of abolition**. New Haven: Yale University Press, 2016.

TIMM, A. R. **The sanctuary and the three angels' messages. 1844-1863: integrating factors in the development of Seventh-day Adventist doctrines**. 1995. (Doutorado) - Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, MI.

USHISTORY.ORG. **Religious Transformation and the Second Great Awakening**. 2025. Disponível em: <www.ushistory.org/us/22c.asp>. Acesso em 26 jan. 2025.

VAUCHER, A. A Jesuit Adventist. **Signs of the Times**, 2 de maio, p. 12, 1938.

VILANOVA, A. D. **Vatican, Cod. Vat. Lat. 3824. Fols. 7v, 8r. Introductio in Librum [Joachim] De Semine Scripturarum.**, 2025. Disponível em: <https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3824/30>. Acesso em 26 jan. 2025.

ZAPF, V. Anonymus Bambergensis. In: ACHNITZ, W. (Ed.). **Deutsches Literatur-Lexikon: das Mittelalter. Band 3, Reiseberichte und Geschichtsdichtung**. Berlin: De Gruyter, 2012. p. 198, 199.

Notas de fim:

ⁱ Ptolomeu, um dos maiores matemáticos do século 2, contribuiu involuntariamente para a cronologia histórica do período descrito em Daniel 8:14. Em sua obra *O Almagesto* — cujo nome vem do árabe *al-Majisṭī* (المجسطي), que significa “O Maior” — ele compilou observações astronômicas e cálculos de eclipses usados para estabelecer a cronologia de reis antigos. Apesar de conter erros devido ao modelo geocêntrico adotado, esse livro é considerado uma das mais importantes obras científicas da história (Pedersen; Jones, 2011, p. 15; Ptolemaei, 1515).

ⁱⁱ É provável que a sugestão de Júlio Africano de interpretar os 2300 dias como meses e convertê-los em anos envolvesse uma abordagem baseada no calendário lunar, amplamente utilizado na cultura hebraica. De acordo com a interpretação do autor, cada dia equivale a um mês, ou seja, 2300 meses. No calendário lunar, há 12 meses em um ano, portanto, podemos converter os meses em anos: $2300 \div 12 = 191,67$ anos. Considerando arredondamentos ou ajustes baseados em variações no calendário, Júlio Africano aparentemente chegou a um valor próximo de 185 anos.

ⁱⁱⁱ No entanto, o autor comete alguns equívocos em sua interpretação:

- a) Erro de substituição: Ele ajusta o período profético de três anos e meio para três anos e um quarto, o que não corresponde ao texto bíblico.
 - b) Distorção do calendário judaico: Policrônio parece ignorar ainda a complexidade do calendário lunar judaico, que não segue exatamente um ano de 354 dias, pois inclui ajustes periódicos (como a adição de um mês bissexto) para sincronizar o ano lunar com o ciclo solar.
- ^{iv} Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C.) foi um rei selêucida conhecido por sua tentativa de helenizar à força a cultura judaica. Ele proibiu práticas religiosas judaicas, como o sabá, a circuncisão e a leitura da Torá. Essas ações, juntamente com a profanação do Templo de Jerusalém, levaram à revolta dos Macabeus (168-164 a.C.), liderada por Judas Macabeu e sua família (Gafni, 2007, p. 203; Gibson, 2007, p. 316).
- ^v Os judeus interpretavam essas profecias a partir de sua própria tradição e perspectiva teológica, sem adotar os métodos de interpretação usados pelos cristãos, que associavam as profecias de Daniel diretamente à vinda de Jesus Cristo e aos eventos relacionados ao Novo Testamento.
- ^{vi} O cálculo efetuado no documento é baseado em um jogo com as letras do alfabeto em um estilo cabalístico, sendo esse um elemento completamente ausente nos escritos genuínos de Joaquim de Fiore; o tema central são os 2.300 dias – que Joaquim ignorou – interpretados como vinte e três séculos que se estendem até o décimo sexto (Froom, 1950, p. 719).
- ^{vii} A variante de Teodócio, onde se lê: "2.400 tardes e manhãs", foi usada em muitas versões da Septuaginta, e esse é o motivo pelo qual tantos autores supracitados fazem o cálculo sob esse número. No entanto, o códice Vaticano e o códice Alexandrino, manuscritos de importância majoritária, trazem a palavra *τριακόσιαι* (trezentas) (Greco, 2025, p. 1225).
- ^{viii} Devido a fatores interligados, como o Iluminismo (século 18), a Revolução Americana (1766-1783), a Revolução Francesa (1789-1799) e o Segundo Grande Reavivamento (1790-1830), as décadas intermediárias, entre os séculos 18 e 19, convergiram para um reavivamento mundial sem precedentes no nível de interesse em estudos bíblicos sobre a segunda vinda de Cristo. Muitos intérpretes protestantes foram convencidos pelo estudo da profecia bíblica, de que Cristo retornaria em seus dias (Silva Filho, F. P. 2019; TIMM, 1995, p. 1-4).